



INTERAÇÕES PROFESSOR E ALUNOS: O OLHAR DE UM PIBIDIANO

Uarlley Santana Santos¹
Beatriz Gonçalves de Azevedo²
Maristela Juchum³
Louise Cervo Spencer⁴

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar o relato de uma experiência vivenciada por um pibidiano. Através da experiência proporcionada aos bolsistas por meio das idas à escola e pelas atividades desenvolvidas com alunos do 7º Ano da Escola de Ensino Fundamental Porto Novo, instituição parceira do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade do Vale do Taquari - Univates, é possível perceber o quanto uma boa interação do professor com os alunos, assim como uma presença significativa nas atividades e em sala de aula, aumentam a participação e o interesse por parte dos estudantes nas aulas. Durante os momentos de observação, percebemos olhares atentos e curiosos vindos dos alunos. Essa curiosidade, quando bem recebida e aceita, gera ao mesmo tempo um vínculo de afinidade e, a partir desse momento, constrói-se um laço de confiança com os alunos. Assim como defende Freire, em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar [...]” (p. 32, 1996). Ao entendermos essa curiosidade como porta de entrada para uma boa interação com os alunos, edificamos então um elo de troca mútua entre ambos os protagonistas: os estudantes, que se identificam e se aproximam dos professores em formação, e os bolsistas que, por sua vez, têm liberdade em desenvolver seu planejamento de forma mais descontraída e facilitada. Concluímos que, o primeiro grande passo para uma execução eficaz e de qualidade do planejamento, é a construção de um bom relacionamento com a turma em sala de aula.

¹ Graduando do Curso de Letras Português - Inglês na Universidade do Vale do Taquari - Univates, uarlley.santos@universo.univates.br

² Graduanda do Curso de Letras Português - Inglês na Universidade do Vale do Taquari - Univates, beatriz.azevedo@universo.univates.br

³ Professora Doutora, Coordenadora do Subprojeto de Letras PIBID Univates - , juchum@univates.br

⁴ Professora Mestre, Supervisora, Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo, louise.spencer@universo.univates.br





Palavras-chave: Relação docente-discente, Vivências, Interações.

INTRODUÇÃO

A maioria dos bons relacionamentos iniciam quando a primeira interação é significativa para os envolvidos. Muitas das vezes, somos capazes de perceber quando alguém será uma boa companhia através de seus hábitos, ou, até mesmo, observando como se comporta; como é a sua cultura ou, o quão próximo de nossas próprias características o sujeito está. Durante o período de atividade com uma turma de 7º ano foi observado que quanto maiores eram os números de visitas e quanto mais participávamos das atividades com os alunos, mais próximos estávamos dos alunos e consequentemente os estudantes tornavam-se mais participativos diante das propostas ofertadas a eles.

Com base nesta experiência vivida como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid, pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, foi possível experimentar as várias possibilidades de atuação em sala de aula, considerando a subjetividade de cada aluno. Devido a essa experiência, pude entender que o maior fator para o desenvolvimento de um projeto em sala de aula, do mesmo modo, a forma mais segura de atrair a atenção e curiosidade dos alunos dentro da sala de aula, trata-se de como as primeiras interações acontecem.

Durante o estudo profundo e demorado sobre as obras “Pedagogia da Autonomia” (Freire, 1996) e “Conversas com um jovem professor” (Karnal, 2012), títulos que quando bem observadas são como manuais a futuros docentes, e dentro destes distintos conselhos de dois grandes teóricos, referências dentro da educação brasileira, efetivamente o professor que mantém a proximidade e afinidade com seus alunos, têm mais chance de alcançá-los durante os desenvolvimentos das atividades em aula.

Com abordagem baseada na interação sugerida por Freire (1996), levando em consideração a realidade e o meio em que vive o aluno, entendemos as suas limitações e fragilidades, adaptando as formas da abordagem e níveis de exigência, evitando tratar o aluno





como receptáculo de informações, para construir um vínculo de respeito e apoio ao estudante dando ênfase em sua posição no mundo, desconstruindo a imagem do professor com o de um sujeito superior e autoritário, para o de um educador mediador e símbolo de autoridade e cooperação.

METODOLOGIA

A experiência foi construída durante o primeiro semestre do ano de 2025, através da aplicação das atividades planejadas, desenvolvidas com uma turma de 7º ano do ensino fundamental, turma B2 do turno vespertino da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo, escola parceira do Pibid Univates, localizada na cidade de Lajeado no estado do Rio Grande do Sul.

A turma possuía 22 alunos matriculados, dentre eles dois alunos neuro-divergentes, portadores do Transtorno do Espectro Autista - TEA. Aparentemente, como os jovens de mesma faixa etária, possuíam uma certa inquietação e conversas paralelas durante as aulas, mas sem prejuízo da qualidade do ensino.

A atividade partiu da proposta na qual os alunos deveriam construir um objeto que valorizasse suas memórias escolares. O primeiro passo da atividade envolveu seis estudantes, bolsistas integrantes do Subprojeto Letras, no planejamento de uma proposta didática, a qual foi construída com a orientação da supervisora da escola parceira do Pibid, auxiliando para que a proposta se adequasse às habilidades a serem desenvolvidas de acordo com o período de instrução pedagógica. A partir da idealização e confecção do projeto, que foi denominado “Mala de memórias”. O projeto foi desenvolvido em várias etapas.

Após a fase de observação, foi realizado um encontro com os alunos para apresentação formal e interação. Como primeiro passo, foram apresentadas as memórias escolares dos próprios bolsistas, para trazer a ideia de uma posição horizontal entre os estudantes de graduação e os alunos da educação básica. Ao desenvolver essa atividade os bolsistas se aproximaram dos alunos de forma descontraída, construindo uma ponte pedagógica, permitindo que os alunos compartilhassem de forma mútua suas próprias experiências afetivas ligadas ao ambiente escolar.

Os bolsistas puderam aproveitar ao máximo as oportunidades de acompanhamento da turma, participando efetivamente de todos os encontros durante o desenvolvimento da





atividade planejada. Em momentos esporádicos, como forma de reforçar o vínculo com os alunos, apresentaram outras memórias afetivas da infância, estreitando ainda mais laços de segurança e afinidade com os estudantes.

A atividade iniciou-se com a apresentação do gênero Memórias Literárias, apresentando o gênero aos estudantes, a fim de prepará-los para as etapas seguintes. A turma já vinha desenvolvendo a leitura da obra “O mistério da sala secreta” da escritora Lavínia Rocha, obra que retrata a história de dois jovens que na tentativa de salvar a escola em que estudam, numa busca por atrair novos estudantes para a instituição, correrem contra o tempo para impedir que a prefeitura feche a escola e entram e desvendam uma série de enigmas e desafios para encontrar os segredos guardados numa sala secreta, sala essa que ao final da obra preservava os diários com as memórias de Maria Quitéria de Jesus, heroína da Independência do Brasil.

Foi solicitado aos estudantes que com base em suas próprias memórias escolares, realizassem uma produção textual utilizando de todos os artifícios oferecidos pelo gênero memórias literárias. Ao acompanhá-los e orientá-los durante suas produções, os estudantes foram desafiados a ultrapassar a veracidade dos fatos para tornar suas produções ainda mais impactantes e consequentemente permitindo-lhes navegar em sua própria imaginação.

Nos encontros seguintes, construímos uma oficina de personalização, para transformar uma mala, disponibilizada por um dos pibidianos, na Mala de Memórias da turma 7º ano B2. Os alunos transcreveram suas memórias em formato de desenhos, após as produções foram plastificadas e colados na mala, dando ainda mais legitimidade à atividade realizada pelos alunos.

Solicitamos aos alunos que se dividissem em grupo de pesquisa, composto por quatro estudantes, e os desafiámos a levantar o máximo de curiosidades sobre o tema fotografia. Cada grupo recebeu um tópico de pesquisa como: A evolução da fotografia; Fotografia e memória familiar; Fotografia jornalística; Selfies e Redes sociais e Fotografia artística.

Dando continuidade ao projeto, os encontros seguintes foram destinados a apresentações referentes às pesquisas desenvolvidas pelos alunos, para os quais precisaram desenvolver apresentações em slides, a fim de mostrar o resultado do estudo ao restante da turma. Solicitamos que deveriam sintetizar todas as pesquisas em cinco slides de





apresentação, instigando-os a serem criativos em relação às apresentações e consequentemente auxiliando na apropriação do conteúdo pesquisado.

Todas as apresentações ocorreram num mesmo dia, e todos os alunos se sentiram muito confiantes durante a apresentação. E por fim, para encerrar o planejamento, os alunos participaram de uma pesquisa através de um questionário virtual, de forma anônima, os estudantes tiveram a oportunidade de trocar de lugar com os pibidianos e responderam a uma avaliação sobre as ações planejadas pelos acadêmicos, desenvolvidas com a turma durante o período de aplicação do projeto.

Encerrando as atividades, participamos de uma roda de conversa e compartilhamento de obras literárias com os alunos da turma, momento esse destinado à finalização de um outro projeto coordenado pela professora, quando todos os alunos apresentaram uma obra literária que haviam lido, e ao final do comentário, expunham se indicavam ou não a obra aos demais colegas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante os primeiros semestres da graduação, foram desenvolvidos estudos voltados para a preparação do ser professor. Através das obras de teóricos, referências no campo da educação, foi possível compreender de forma mais clara os benefícios de uma boa interação docente-discente. Segundo o filósofo brasileiro Leandro Karnal, em sua obra “Conversas com um jovem professor” (2012), a interação professor/aluno é necessária para a boa execução do ato de educar, apontando que quando ocorre a ausência de interação entre esses dois sujeitos, à prática do ensino ou da aprendizagem torna-se uma ação condenada ao fracasso.

Dentro do abordado, torna-se impossível falar sobre interação sem mencionar Lev Semiónovich Vygotsky (1991) que defendeu a interação direta com o próximo como fundamental para a aprendizagem do sujeito. Apoiado a sua tese, a Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP. A teoria criada por Vygotsky refere-se a área entre dois níveis de desenvolvimento do lúdico a qual o sujeito, realiza de forma autônoma o que lhe foi instruído.

O nível em que o indivíduo aplica ação a si próprio ou ao meio por concepção inata é nomeado como Nível de Desenvolvimento Real - NDR e o nível a qual o indivíduo realiza a





aplicação apoiado a instrução de um segundo sujeito, que possui maior maturidade em relação a ação aplicada, Vygotsky intitulou como: **Nível de Desenvolvimento Potencial - NDP**.

Vygotsky é uma referência no campo da aprendizagem, sua principal teoria não delimita uma faixa etária entre dois sujeitos; não restringe culturas; não se limita pela língua; gênero ou religião. O teórico descreve que independentemente do quão distantes ou próximos dois indivíduos estejam, o que importa é a interação que ocorre entre eles para que seja construído o lúdico, físico e social (1991).

Nesse sentido, indo ao encontro, Paulo Freire (1996) afirma: "É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor." A importância da troca mútua entre docentes-discentes durante o ato de ensinar é fundamental para envolver o aluno no processo de aprendizagem. Nesse sentido, Freire diz:

Como os demais saberes, este demanda do educador um exercício permanente. É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica.(Freire, 1996)

É de grande importância compreender, antes mesmo do ato de aprender o que se ensinará, é concernir a parte principal do ofício de ser professor, a do amor pela mudança significativa que pode ocorrer primeiramente no aluno e posteriormente, através do próprio jovem, na sociedade, como defendeu o psicanalista e educador Rubens Alves “Não há coisa mais nobre que educar”(Alves, 1980, p. 70).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado final da atividade, os alunos responderam a um formulário, no qual foram questionados a respeito de seus níveis de satisfação em relação a presença e as atividades propostas pelos pibidianos com a turma. Os alunos responderam ao questionário de forma anônima para evitar constrangimento e dar segurança aos estudantes. Dentre as perguntas, os alunos foram questionados sobre a presença dos pibidianos dentro da sala de aula. A seguir, apresentamos algumas das respostas dos alunos:





“Me senti realmente bem, pois eles se abriram com nossa turma e contaram suas histórias sem nenhum tipo de vergonha, e mesmo sendo memórias que sejam somente deles, eles contaram de um jeito com que todos nós entendêssemos.”;

“Me senti calmo, pois ver a memórias deles foi como se eu tivesse voltado no tempo e ver como tudo era diferente”;

“Ao ouvir as memória eu me senti bem, pois muitas memória foram "engraçadas" e legais.”;

“Eu achei bem engraçado, como o acontecimento do João Linn e aquelas caras engraçadas que tinha de outros alunos na fotos dos pibidianos”;

“Senti que as memórias de todos,eram muito importantes e carregavam muitos sentimentos.”;

“Achei muito legal ver como era eles antes e muito incrível.”;

“Achei muito legal por que foi bom sentar com todos e escutar suas memórias ,e achei muito interessante a memória do Arley sobre seus cartões de memória que colecionava quando pequeno.”;

“Me senti bem, descobrir o que eles passaram no passado, como eles eram no passado, entre outras coisas boas.”;

“Me senti emocionado e surpreso porque eu não lembraria e nem saberia explicar muita coisa de uma memória que tinha me marcado.Saberia explicar um pouco mais não saberia que nem os pibidianos.”;

“Eu tive a sensação de nostalgia com tudo isso pois lembra a minha infância, e tudo que ja passei em toda minha vida.”.

A pesquisa realizada, teve o intuito de abrir espaço para os estudantes se expressarem em relação às atividades desenvolvidas pelos pibidianos durante o semestre. O formulário contou com votos de satisfação em relação às atividades e com espaço para comentários em



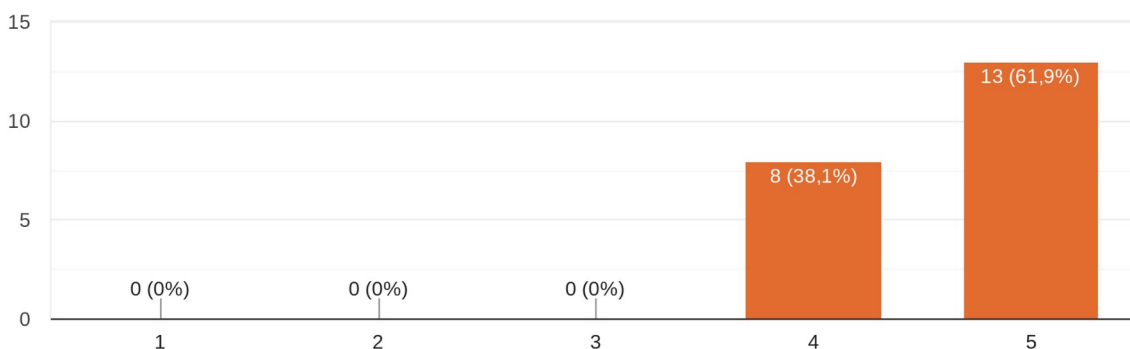


relação aos pibidianos. O resultado da pesquisa trouxe conforto e certeza em relação à ideia de que uma interação saudável e ativa auxilia tanto os alunos quanto aos professores.

Abaixo, apresentamos um gráfico que sinaliza o grau de aprovação dos alunos em relação ao desempenho dos pibidianos no desenvolvimento das atividades com a turma:

Como você avalia o desempenho dos pibidianos?

21 respostas



Fonte: dos autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na experiência vivenciada com o desenvolvimento da proposta didática com a turma de 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo, por intermédio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, fica evidenciado o quanto a interação construída com os alunos é fundamental tanto quanto no domínio do conteúdo a ser aplicado.

Ao final da caminhada pedagógica, a principal conquista a ser sagrada é a da “figura de professor” que ficará registrada na memória escolar dos jovens e adolescentes, afinal, o mais difícil desafio na caminhada educacional é, e sempre será, a de atingir os alunos que estarão sentados à nossa frente em uma sala de aula.

As histórias construídas e os momentos em que compartilhamos conhecimentos nos possibilitam afirmar que aprendemos com os alunos enquanto os ensinamos, e eles nos ensinam enquanto aprendem conosco (Freire, 1996). Educar é isso, caminhar juntos com os





alunos não para os corrigir, mas para, que ao fim do percurso, sejamos coautores de sujeitos de valores na sociedade. O mais importante título do docente vem muito depois da conclusão da graduação, só ocorrerá com legitimidade quando os alunos que não frequentam mais a nossa sala de aula, ainda nos reconhecerem como seus professores.

REFERÊNCIAS

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2012. 192 p.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996. 165 p.

VYGOTSKY, Lev Semiónovich . **A formação social da mente::** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 90 p.

ALVES, Rubens . **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1980. 91 p.

